



O Karate-Do como Dispositivo da Japonêsidade em São Carlos

The Karate-Do as a Device of Japaneseeness in São Carlos

Rafael Cava Mori¹

Resumo

O presente trabalho relata uma investigação qualitativa sobre a prática do *Karate-Do*, em São Carlos-SP. Considera-se que tal prática veicule valores tipicamente orientais quando orientada de acordo com a concepção de *budo* (caminho marcial), e não enquanto apenas esporte de luta. Assim praticado, o *Karate-Do* obedece a princípios fundamentais de ordem disciplinar, moral, espiritual e estratégica. Por meio de observações e entrevistas, sediadas em dois *dojo* para a prática de *Karate-Do* em São Carlos, observou-se a presença da perspectiva do *budo*. Por fim, fenômenos específicos da imigração japonesa em São Carlos, associados principalmente à população flutuante universitária, são relacionados à atuação do *Karate-Do* como dispositivo da japonêsidade.

Palavras-chave: Karate-Do. Japonêsidade. São Carlos. Imigração japonesa. Kaikan.

Abstract

The present work reports on a qualitative investigation about the practice of Karate-Do in São Carlos, SP, Brazil. This practice is thought to convey typically Eastern values when oriented according to the concept of *budō* (the martial way), rather than just as a fighting sport. When it is so practiced, Karate-Do obeys disciplinary, moral, spiritual and strategic principles. By means of observation and interviews conducted in two *dojo* of Karate-Do in São Carlos, we found the presence of the *budō* perspective. Finally, we describe the relationship between certain phenomena that are specific to the Japanese immigration in São Carlos and mainly associated to the city's floating university population, and the activities of Karate-Do as a device of Japaneseeness.

Keywords: Karate-Do, Japaneseeness, São Carlos. Japanese immigration, Kaikan.

Introdução

Quando em 1908 o navio Kasato Maru atracou no Porto de Santos, é possível que aquelas poucas centenas de agricultores japoneses que ali desembarcavam não

¹ Professor adjunto do Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC – Av. dos Estados, 5001, Bangu – Santo André – SP – CEP 09210-580 – e-mail rafael.mori@ufabc.edu.br



sonhassem que, cem anos depois, seriam lembrados e considerados como desbravadores. As comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil trataram de recuperar, dentre registros orais, fotografias e documentos desgastados pelo tempo, a importância de um ato corajoso: enfrentar incertezas de uma viagem longa para um país desconhecido, de costumes estranhos e uma língua difícil.

Naquele momento, entretanto, chegavam ao solo brasileiro não apenas essas incertezas, mas também o esforço daqueles imigrantes para conquistar e ocupar seu espaço no novo território. Ao longo das sucessivas ondas de imigração da terra do sol nascente ao Brasil, no século XX, essa ocupação – talvez oriunda de um sentimento de autoafirmação ou da necessidade de reverência aos antepassados e suas tradições – mobilizou-se, majoritariamente, através da cultura.

Onde houvesse se fixado uma colônia de imigrantes, havia certamente um *kaikan* (associação), espaço comunitário para o oferecimento de aulas do idioma materno dos adultos às crianças, a presença de pequenos templos para práticas religiosas, a organização de eventos com apresentações de danças e músicas tradicionais, a prática da culinária típica e a exposição de arranjos florais, de pinturas, de caligrafias e de outros objetos artísticos.

Se a finalidade inicial dessas associações era abrigar e encorajar tradições culturais, em pouco tempo elas acabaram se tornando focos irradiadores de saberes e práticas milenares. O pequeno estudo que aqui apresentamos tem a ver com esse momento em que as tradições do povo japonês começam, senão a se imiscuir, pelo menos a se popularizar junto dos brasileiros, mais especificamente aqueles residentes no município de São Carlos-SP. Interessa-nos uma dessas tradições: o conjunto das *artes marciais japonesas*, especificamente, o *Karate-Do*.

Assim, o texto buscará, inicialmente, apresentar alguns fundamentos e aspectos históricos dessa arte marcial para caracterizá-la, mais tarde, enquanto *dispositivo de japonesidade*, conforme os estudos de Lourenção (2011, 2016). Assim, será possível identificar elementos do *Karate-Do* que, atuando especificamente na realidade concreta de São Carlos, colaboram para a “fabricação” de japoneses ou para, ao menos, aproximar os são-carlenses (nipo-descendentes ou não) de princípios disciplinares, espirituais e morais associados a uma espécie de *ethos* da japonesidade. Para isso, serão analisados dados provenientes de um estudo de campo realizado a partir de visitas aos dois espaços mais antigos de ensino do *Karate-Do* em São Carlos, empregando observações, análises documentais e entrevistas com seus sensei (professores).

O karate-do como “caminho marcial”

No Japão, diz-se que artes marciais constituem o chamado *budo* (武道): o primeiro ideograma, 武 (*bu*), pode ser lido como marcial, referente ao combate; o segundo, 道 (*do*), traduz-se comumente como caminho. Ao pé da letra, trata-se do caminho marcial.

Surgido na ilha de Okinawa, o *Karate* foi praticado inicialmente como *bujutsu* (técnica marcial), até passar por um processo de sistematização, que o converteria em mais um *budo*, ao lado de outras artes como o *Kendo* e o *Judo*. Segundo



Martins e Kanashiro (2010), a prática do *Karate-Do* atravessa atualmente um terceiro estágio, que a aproxima de um “esporte de luta”. Sem relegar a importância de suas origens enquanto saber espontâneo do povo okinawano, ou de seu atual processo de esportivização, consideramos que o estágio do *Karate* enquanto *budo* seja o mais importante para a caracterização dessa prática enquanto luta tradicional japonesa.

Escrita como 空手, a palavra que *karate* significa, literalmente, “mãos vazias”, denotando um conjunto de saberes para se fazer do corpo uma arma. Gichin Funakoshi (1868-1957), um dos principais responsáveis pelo mencionado processo de conversão da arte enquanto *bujutsu* para *budo*, defendia que o caractere 空 pudesse ser lido também como “vacuidade”, compreendendo o *Karate-Do* como “caminho que, por meio das mãos, conduz ao vazio” – uma leitura explicitamente comprometida com a doutrina zen-budista (FUNAKOSHI, 1973, 1994).

Com base não só na sabedoria zen, mas também na visão de mundo moralizante confuciana e na ética de reverência aos antepassados consubstanciada no xintoísmo – um conjunto de sistemas filosóficos, portanto, altamente espiritualizado –, Funakoshi não apenas colaborou para a organização dos treinamentos do *Karate* em grupos de exercícios e gradações de práticas, mas também produziu textos que buscaram constituir uma espécie de *corpus* canônico de fundamentos, que os *karateka* (praticantes) deveriam conhecer e obedecer, caso almejassem atingir o estado de maestria.

Dentre esse *corpus* textual, consideraremos com mais atenção o livro intitulado *Os vinte princípios fundamentais do Karatê: o legado espiritual do mestre*, de título autoexplicativo. Na versão brasileira da obra (publicada em 2005), cada um desses princípios recebe o comentário de Genwa Nakasone, praticante e grande conhecedor das artes marciais do oriente. Segundo o comentário de John Teramoto na introdução da obra,

[Esses vinte princípios] evidenciam o desejo do mestre de assegurar que o praticante não fique preso aos aspectos técnicos do karatê – esmurrar, chutar, bloquear – à custa do lado espiritual da arte marcial. É a preocupação com os aspectos espirituais, insistia o mestre Funakoshi, que transforma o karatê, de mera arte marcial, no karatê-do, num Caminho.

Os princípios fornecem uma base de sustentação para os praticantes de todos os níveis técnicos. Para o iniciante, eles oferecem uma conceitualização global sobre como encarar essa arte marcial. Para o estudante sério do karatê-do, eles propiciam uma orientação contínua e a oportunidade de esmiuçar mais profundamente o que já aprendeu.

A leitura atenta e ponderada dos axiomas do mestre Funakoshi leva-nos a uma jornada muito mais intensa do que poderíamos esperar inicialmente. É por esse aspecto que os princípios são importantes, até mesmo para quem não se dedica a essa prática. Inesperadamente, questões técnicas são deixadas de lado em benefício de uma investigação mais profunda do grande Caminho. Todas as atenções se concentram na acuidade mental e nas condições espirituais necessárias, e nas maiores possibilidades de treinamento. Enfatiza-se mais a atitude que a postura,



mais o espírito que a forma (FUNAKOSHI; NAKASONE, 2005, p. 7-8).

Antes de avançarmos com nosso empreendimento de pesquisa é fundamental lançarmos um olhar para esses princípios, assim redigidos na obra em questão:

1. Não se esqueça de que o karatê-do começa e termina com *rei* [saudação].
2. Não existe primeiro golpe no karatê.
3. O karatê permanece ao lado da justiça.
4. Primeiro conheça a si mesmo, depois conheça os outros.
5. O pensamento acima da técnica.
6. A mente deve ficar livre.
7. O infortúnio resulta de um descuido.
8. O karatê vai além do *dojo* [local de treinamento].
9. O karatê é uma atividade vitalícia.
10. Aplique o sentido do karatê a todas as coisas. Isso é o que ele tem de belo.
11. O karatê é como a água fervente: sem calor, retorna ao estado tépido.
12. Não pense em vencer. Em vez disso, pense em não perder.
13. Mude de posição de acordo com o adversário.
14. O resultado de uma batalha depende de como encaramos o vazio e o cheio (a fraqueza e a força).
15. Considere as mãos e os pés do adversário como espadas.
16. Ao sair pelo portão, você se depara com um milhão de inimigos.
17. A *kamae* (posição de prontidão) é para os iniciantes; com o tempo, adota-se a *shizentai* (postura natural).
18. Execute o *kata* [forma de combate] corretamente; o combate real é outra questão.
19. Não se esqueça de imprimir ou subtrair força, de distender ou contrair o corpo, de aplicar a técnica com rapidez ou lentamente.
20. Mantenha-se sempre atento, diligente e capaz na sua busca do Caminho.

Observando-as mais atentamente, nota-se que cada uma dessas 20 afirmações (*niju kun*) pode ser considerada como pertencendo a uma dentre as seguintes categorias: disciplinar, moral, espiritual e estratégica. No quadro da Figura 1, apresentamos uma possível classificação dos princípios nessa tipologia, relacionando algumas palavras-chaves tomadas como pistas para tal codificação.

| categoria | princípios | palavras-chaves |
|-------------|-------------------------|---|
| disciplinar | 7, 8, 9, 10, 11, 17, 18 | <i>descuido, atividade vitalícia, kata,</i> |
| moral | 1, 2, 3 | <i>saudação, justiça</i> |
| espiritual | 4, 5, 6, 20 | <i>pensamento, mente, Caminho</i> |
| estratégica | 12, 13, 14, 15, 16, 19 | <i>adversário, posição, resultado, batalha, espadas</i> |

Figura 1: quadro com a classificação do *niju kun* de acordo com as categorias *disciplinar, moral, espiritual* e *estratégico*. Fonte: elaborada pelo autor.



Os princípios disciplinares apresentam diretrizes para os praticantes no tocante a seu progresso rumo ao domínio da prática. Chamam a atenção para a necessidade de um estado de prontidão para o combate, a importância do treinamento constante, o reconhecimento do *Karate-Do* como atividade a ser praticada dentro e fora do local de treinamento e a apropriação de discernimento e atitudes adequadas durante os exercícios.

Os princípios morais buscam elevar a prática da arte marcial à condição de instrumento para corrigir injustiças sociais e para a manutenção da ordem e da paz. Tal postura se constitui tanto na esfera individual, através do cultivo da cordialidade, da humildade e do altruísmo, como na esfera social, em que o praticante buscará se colocar como portador de condutas exemplares.

Os princípios espirituais se relacionam à concepção do *Karate* enquanto *do*, Caminho. Tratam de recuperar seu papel como prática de (auto)esclarecimento, conseguido através de um processo de esvaziamento que, afinal, levará a um estado de completa paz, deleite e equilíbrio.

Finalmente, os princípios estratégicos apresentam noções de posicionamentos e manobras, visando à conquista da vitória sobre o inimigo, ou da aceitação e avaliação crítica da derrota. São diretrizes a serem levadas em consideração antes, durante e após as situações combativas.

A classificação proposta visa apenas a oferecer uma perspectiva para se olhar para o *niju kun*, não se colocando como definitiva. Inclusive, essa tipologia apresenta insuficiências: por exemplo, um conhecedor do taoísmo e de sua influência sobre o zen poderia alocar os princípios 13 e 17 junto à categoria espiritual, pois é inegável que, subjacentes a seus enunciados, estão conceitos como a espontaneidade das ações não premeditadas e a não-reivindicação que permite a “ascensão dos ritmos naturais da vida, tanto física quanto espiritual”, características da doutrina chinesa do Tao (COOPER, 1985, p. 136).

Apesar disso, essa tipologia nos auxiliará na etapa de análise dos dados, cujo procedimento de coleta é detalhado na próxima seção.

Metodologia

A pesquisa foi orientada, inicialmente, pela seguinte questão: qual a contribuição das artes marciais japonesas, especialmente o *Karate-Do*, para a cidade e os cidadãos de São Carlos? Essa pergunta, que mais tarde desdobrar-se-ia em outras mais específicas, foi explorada a partir de fundamentos do campo da Educação, cujos resultados expusemos na obra *O caminho das artes marciais em São Carlos* (MORI, 2011).

Neste artigo, que se apresenta a partir de uma perspectiva mais afeita ao campo da Antropologia, especificamente no âmbito das questões sobre os fenômenos migratórios, a questão orientadora foi: é possível considerar o *Karate-Do*, conforme praticado em São Carlos-SP, como um dispositivo da japonesidade? Ressalta-se que o município em questão apresenta particularidades, no que tange à influência da imigração japonesa sobre suas características socioculturais, que repercutem no modo como o *Karate-Do* é praticado e valorizado socialmente por seus cidadãos.



A investigação realizada se insere junto da modalidade qualitativa, o que foi condicionado pelo próprio objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, buscou-se um proceder investigativo mais comprometido com aspectos descritivos, apostando na profundidade do conhecimento da realidade, no lugar de uma preocupação restrita ao estabelecimento de relações lineares de causa e efeito (BOGDAN; BIKLEN, 1994; LAVILLE; DIONNE, 1999). Consideramos que a pesquisa caracteriza-se também como um estudo de caso, conforme Lüdke e André (1996).

Os procedimentos empregados para a coleta de dados foram:

- a) Observações pouco estruturadas, não participantes: visitamos duas academias para a prática de *Karate-Do*, onde acompanhamos os treinamentos, observando elementos como número de participantes, caráter das atividades desenvolvidas e presença de objetos decorativos nos *dojo*. As observações tiveram como guia o quadro da Figura 1, visando detectar o aparecimento de menções às categorias em que foram alocados os 20 princípios fundamentais do *Karate-Do*. Empregou-se esta técnica por ser “conveniente sobretudo à enunciação de hipóteses ou à explicitação de indicadores, hipóteses que serão em seguida verificadas com o auxílio de abordagens mais estruturadas (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 181).
- b) Entrevistas semi-estruturadas: séries de perguntas organizadas previamente, e complementadas por perguntas de esclarecimento, foram formuladas verbalmente aos *sensei* das academias. As entrevistas foram guiadas por quatro questões: i) Quais seriam os marcos ou principais personagens do início da prática do *Karate-Do* em São Carlos? ii) Quando a prática do *Karate-Do* se consolida em São Carlos? iii) Quais as características dos praticantes de São Carlos? iv) Quais as contribuições dessa prática para a cidade e para seus cidadãos? As entrevistas foram realizadas nas próprias academias e não foram gravadas por meios audiovisuais, tendo sido registradas pelos apontamentos do investigador. A análise desses dados também foi orientada pelo conteúdo do quadro da Figura 1, isto é, verificamos se o discurso dos *sensei* estaria contemplando as categorias em que os princípios do *niju kun* foram alocados.
- c) Entrevistas não-estruturadas: foram assim considerados diálogos entre o investigador e pessoas apontadas, durante as entrevistas com os professores, como relevantes para obtenção de informações complementares. Foram sete os sujeitos que participaram dessa etapa, sem rígida demarcação cronológica: muitas das entrevistas se confundem com diálogos informais entre o pesquisador e os sujeitos, já que a maioria deles integra seu círculo de relacionamentos.
- d) Análise documental: foram consideradas fontes documentais relevantes os folhetos explicativos produzidos pelos *sensei*, divulgando a prática das modalidades oferecidas em suas academias. O procedimento de análise de conteúdo foi aquele proposto por Bardin (2016), privilegiando-se a técnica da análise temática.



Resultados e discussões

Lourenção (2011), em um estudo etnográfico sobre a prática da esgrima japonesa no território brasileiro, conceitua o processo de “fabricação de pessoas”, no caso, a fabricação de japoneses no Brasil, como o exercício de um controle corporal e comportamental, guiado não necessariamente por uma proximidade real com o Japão, mas por uma proximidade ideacional. Isto é, o processo de fabricação remeter-se-ia, no caso, a uma visão idealizada sobre o indivíduo japonês e o que o definiria (a japonesidade). Reportando-nos ao desenvolvimento histórico do *Karate-Do*, diríamos que tais termos se aplicam ao se considerar que o estágio da prática como budo, que deveria concretizar os princípios do *niju kun*, representa justamente tal visão idealizada de uma japonesidade – calcada, mais que em aspectos estratégicos do *karateka* no *kumite* (combate), principalmente em aspectos disciplinares, morais e espirituais. Assim, a prática do *Karate-Do* estaria tanto mais contribuindo para a fabricação de japoneses, quanto mais tais princípios do *niju kun* estivessem representados, valorizados e atualizados no local de treinamento.

Analisando o material e os dados conseguidos junto das academias, perceberemos algumas características importantes desses espaços para as práticas marciais. Apresentamos na Figura 2 um quadro com os resultados da análise do conteúdo das entrevistas e dos folhetos explicativos fornecidos pelos *sensei*.

| sujeito | material | unidade de análise | princípio associado | categoria |
|---------|------------|--|--|-------------|
| S1 | entrevista | Treinamento como combate <i>consigo mesmo</i> . | 4. Primeiro conheça a si mesmo, depois conheça os outros. | espiritual |
| | | <i>Karate</i> como filosofia para o enfrentamento de situações adversas | 10. Aplique o sentido do karatê a todas as coisas. | disciplinar |
| | folheto 1 | “[...] uma arte marcial que vai além das técnicas de combate que reúne um conjunto de práticas para disciplinar o corpo e a mente”; “o praticante irá desenvolver por meio de nossa metodologia, exercícios de meditação, domínio do medo e do pânico diante de situações adversas.” | 5. O pensamento acima da técnica. | espiritual |
| | | “O indivíduo [...] passa a respeitar o outro, pois compreende que todos têm limitações e potencialidades. Não interage com os outros como se fosse superior, mas procura dar o melhor de si.” | 1. Não se esqueça de que o karatê-do começa e termina com <i>rei</i> . | moral |



| | | | | |
|---|------------|--|--|-------------|
| | | “Valoriza o progresso dos semelhantes e age de forma a ser justo em qualquer situação.” | 3. O karatê permanece ao lado da justiça. | moral |
| | | “Os benefícios adquiridos na prática do KARATE estendem-se além do círculo pessoal de relacionamento.” | 8. O karatê vai além do <i>dojo</i> ; 10. Aplique o sentido do karatê a todas as coisas. | disciplinar |
| | folheto 2 | “O que nós, instrutores, ensinamos a elas não é a força bruta, nem a violência, mas o fortalecimento do ‘eu’ através do treinamento mente-corpo, o qual dá base para o desenvolvimento do sentimento de confiança em si mesmas e nos demais seres humanos ao mesmo tempo em que aumenta o poder de concentração, estima pessoal, autocrítica, cooperação e disciplina” | 4. Primeiro conheça a si mesmo, depois conheça os outros. | espiritual |
| | | “[...] transferindo esse aprendizado de respeito mútuo para outras situações de sua vida cotidiana.” | 8. O karatê vai além do <i>dojo</i> . | disciplinar |
| S2 | entrevista | “luz no fim do túnel”; muitos dos estudantes que treinou são destacados em seus campos de atuação profissional | 8. O karatê vai além do <i>dojo</i> . | disciplinar |
| | folheto 1 | “[...] evolução interior [...]” | 6. A mente deve ficar livre. | espiritual |
| | | “O maior objetivo do karate é a perfeição do caráter, através da disciplina da mente e do corpo.” | 20. Mantenha-se sempre atento, diligente e capaz na sua busca do Caminho. | espiritual |
| | | “No mundo inteiro, enfatizando o trabalho social com objetivo de tornar o praticante útil ao meio em que vive.” | 3. O karatê permanece ao lado da justiça. | moral |
| | folheto 2 | “[...] sua fácil aprendizagem que estimula a coragem para enfrentar obstáculos, desperta auto-confiança.” | 10. Aplique o sentido do karatê a todas as coisas. | disciplinar |
| “Em síntese, o Karatê treinado corretamente e bem administrado dá ao praticante o domínio sobre si, valorizando assim o ser humano, para que o mesmo possa ser útil à sociedade.” | | | | |



Figura 2: quadro com os resultados da análise do conteúdo das entrevistas e folhetos das academias. Fonte: elaborada pelo autor.

Nas duas entrevistas semi-estruturadas com os *sensei* (designados pelos códigos S1 e S2), ouvimos afirmações semelhantes quando perguntados sobre as contribuições de suas artes para São Carlos. Todos foram categóricos ao afirmar que o *Karate-Do* não se resume a uma educação do corpo para impingir a derrota ao adversário.

S1, por exemplo, lembrou que a prática do *Karate-Do* e das artes japonesas se destina ao treinamento para um combate mais difícil do que aquele travado contra o outro: trata-se do combate consigo mesmo. Tal afirmação vai ao encontro do princípio de número 4, conforme Funakoshi e Nakasone (2005), que alocamos junto à categoria espiritual. S2 usou a expressão “luz no fim do túnel” para se referir ao *Karate-Do*, explicitando também o caráter formativo da prática. Fez questão de lembrar que muitos dos estudantes que passaram por sua academia são hoje pessoas com destaque em seus campos de atuação profissional e reconhecidas por sua retidão de caráter. Essa afirmação, por sua vez, ecoa a categoria disciplinar, especialmente o princípio 8 (“O karatê vai além do *dojo*”). Este último princípio também foi enfatizado por S1, em uma fala sobre a importância que o aprendizado do *Karate-Do* exerceu para que pudesse superar situações adversas com serenidade e resignação, no lugar de uma atitude fatalista.

Os princípios espirituais foram muito mencionados nos materiais impressos analisados. Um dos materiais disponibilizados por S1 traz como título *Karate – Uma arte marcial para o corpo e para o espírito*, mencionando benefícios como autoconhecimento e o autodomínio, este como resultado da prática de exercícios de meditação (*mokuso*) no próprio *dojo*. Em uma das aulas observadas na academia de S2, este tipo de exercício foi realizado antes do encerramento do treino, sugerindo que o discurso divulgado no material de divulgação dessas academias está de fato integrado à rotina de práticas.

Os *sensei* demonstraram, assim, reconhecer em suas práticas grande parte dos princípios de caráter disciplinar, moral, espiritual e estratégico. São fundamentos que não podem ser levados em consideração independentemente uns dos outros; constituem um todo coeso e são igualmente importantes, de acordo com os textos canônicos do *Karate-Do*. Não à toa, na enumeração desses princípios no idioma japonês, cada um deles recebe a palavra *hitotsu* (em primeiro lugar) no início de sua redação. Ressalva-se, porém que os *sensei* entrevistados relegaram pouca atenção aos princípios estratégicos, preferindo os disciplinares e morais. Obviamente, os conteúdos sobre posicionamentos e estratégias nunca deixam de permear os treinamentos orientados, o que foi observado no período de observações das aulas.

Considerando que todas as categorias de princípios fundamentais foram de alguma forma mencionadas pelos *sensei* ou observadas durante as práticas e nos próprios arranjos dos *dojo* – por exemplo, em uma das academias foi possível observar um quadro, exposto em uma das paredes, com a enumeração de uma versão resumida dos 20 princípios (conhecida pelos praticantes como *dojo kun*) – acreditamos que as duas academias investigadas têm condições de promover aspectos do *Karate-Do* como *budo*. Dessa forma, pode-se considerar que, no que tange às relações entre a japonesidade e o *budo* (que, recordemos, se referencia a



uma cosmovisão tipicamente oriental, marcada por categorias como ancestralidade, espiritualidade, moral/ética, transcendência, ascetismo, energia, entre outros), há oportunidades para a “fabricação de japoneses” por meio da prática do luta de Okinawa em São Carlos.

Se o *Karate-Do* é praticado e referido como *budo* em São Carlos, deve-se reconhecer que sua prática também se mostra ajustada ao conceito de “esporte de luta”. Segundo Rufino (2012), assim encaradas, as artes marciais tendem a sobrevalorizar aspectos como a hierarquia excessivamente rígida no *dojo* (determinada pelo pioneirismo, implicando em relações de poder e dominação dos praticantes mais antigos sobre os mais novos); atitudes conformistas, mecânicas e acríticas, como se toda e qualquer orientação do *sensei* devesse ser acatada silenciosamente; e busca obsessiva pela “performance” física, por pontos e progressos no sistema de graduação em faixas e níveis, e por troféus e prestígio conquistados em campeonatos.

Nesse sentido, deve-se reconhecer que a atuação do *Karate-Do* como dispositivo da japonesidade em São Carlos pode ser menos eficiente, em comparação com o *Kendo* atuando no mesmo município, de acordo com o relato de Lourenção (2011). Segundo este autor, mesmo as situações como os exames de graduação e os campeonatos – em que a prática dessa esgrima japonesa estaria aparentemente comprometida com aspectos esportivizados – são transpassadas pela noção de japonesidade. Os campeonatos, por exemplo, são ocasiões em que se reforçam relações de hierarquia, influência política, legitimação/oficialização perante a prática do *Kendo* no próprio território japonês, reafirmação de valores comunais ou de uma lógica “familiar” (alunos de um mesmo *sensei* o têm como pai, e se veem como irmãos, dado que o próprio *dojo* é encarado como “casa”) – todos fatores que elevam o campeonato a lócus para a certificação da arte marcial enquanto ponte entre Brasil e Japão.

Pelo contrário, no *Karate-Do*, os campeonatos e exames tratam de diluir o caráter da prática enquanto *budo* e, assim, não reforçam os elos com a japonesidade; assim, não funcionariam eficientemente para disciplinar corpos e mentes segundo uma noção – repetimos, idealizada – de Japão.

No entanto, a questão não pode ser assim simplificada, resumida à polaridade *budo*-esporte de luta. Há outras mediações que atuam especificamente no caso de São Carlos, associadas a questões demográficas e socioculturais do município, e que novamente interferem no problema das relações entre *Karate-Do* e japonesidade.

Os dados coligidos no caderno de pesquisa *A presença japonesa em São Carlos* (FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS, 2011) atestam que a cidade insere-se em um período marcado por processos migratórios industriais e universitários, no que tange à população japonesa ou descendente. Especialmente a população universitária, por conta da presença das duas universidades públicas (Universidade Federal de São Carlos e Universidade de São Paulo), é composta por uma quantidade considerável de filhos, netos e bisnetos de japoneses. Esses *nikkey* (descendentes de japoneses), como registra o caderno de pesquisa em questão, buscam se articular com os grupos japoneses locais, especialmente aqueles sediados ou ligados à Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de São Carlos (ACENB), o *kaikan* local. Essa atuação, apesar de levada a cabo por



uma população flutuante, cujo tempo de permanência em São Carlos é justamente o tempo de formação em uma carreira universitária, vem auxiliando no processo de reorganização da comunidade nipônica, cujas atividades foram duramente afetadas pelo fenômeno *dekassegui* – quando os adultos, a partir de meados da década de 1980 e até o início dos anos 2000, imigraram para o Japão na busca por melhores oportunidades de trabalho, processo que redundou em abandono das atividades da ACENB, retomadas efetivamente somente em 2007 (BRANDÃO, 2009).

Nesse sentido, cabe considerar a possibilidade de que essa população *nikkey* universitária participe do processo de constituição e atualização da japonesidade nas academias de *Karate-Do*. De fato, apesar de os *sensei* entrevistados informarem que seus públicos são abrangentes, um deles afirmou ter percebido ser relativamente grande o número de praticantes *nikkey* que procuram sua academia. A mesma impressão foi relatada por um dos estudantes de *Kendo* com quem pudemos conversar durante as entrevistas não-estruturadas, ele próprio um *nikkei*, ao examinar a turma com quem convive nos treinamentos.

Podemos conjecturar que, como o público universitário de São Carlos é bem representado por descendentes de japoneses vindos de outras cidades, a condição de estudante leva a que estes *nikkey* busquem, junto de agremiações diversas, espaços para incrementar sua ambientação, principalmente em seus períodos iniciais de graduação. Entre tais agremiações em que podem se sentir, de certa forma, “em casa”, estão os grupos que guardam alguma relação com as tradições de origem japonesa e que, assim, evocam recordações de suas cidades natais. Desse modo, procuram inserir-se junto das atividades associadas ao *kaikan*, como o grupo de *karaokê* ou o grupo de *taiko* (tambores).

Outros espaços que irão procurar serão as academias de artes marciais. Como estabelecem um vínculo entre a prática atual dessas lutas e sua experiência prévia em cidades natais, muito associada com os valores da família e o cultivo da memória dos antepassados, acabam por se dedicar de modo intenso aos treinamentos, esforçando-se para conciliá-los com os estudos e outras atividades. Finalmente, esse empenho passa a ser reconhecido, fortalecendo a identidade do grupo escolhido – seja a turma de *Karate-Do*, de *Kendo* ou de *taiko* – enquanto espaço para acolhida, vivências e trocas.

Assim, tal característica específica de São Carlos contribui para tornar mais complexas as relações de reforço ou atenuação da japonesidade, conforme promovida pela prática do *Karate-Do* – seja ela voltada para o *budo* ou para o esporte de luta.

Conclusões

Conforme explicam Martins e Kanashiro (2010), o processo de conversão do Karate como *bujutsu* para *budo* ocorreu a partir de fins do século XIX, seguindo processos semelhantes que afetaram outras artes – por exemplo, a criação do Judo a partir das técnicas conhecidas como *Jujutsu*, ou do *Kendo* a partir do *Kenjutsu*. Tais processos participaram do contexto de modernização do próprio Japão, que se abriu ao ocidente e ao capitalismo a partir da chamada Restauração Meiji



(1868), selando o fim do xogunato. Com a reconfiguração dos mais diversos âmbitos da prática social – a educação, a cultura, a legislação etc. – as próprias artes marciais se adaptam (visto que sua finalidade belicosa já não fazia sentido em um contexto moderno) e procuram veicular valores educacionais e civilizatórios. No caso do *Karate-Do*, observa-se um esforço ainda maior por parte de seus sistematizadores – com destaque para a figura de Funakoshi – visto que Okinawa, até então, se constituía em um reino independente do Japão. Assim, o processo de formação do *Karate-Do* como *budo* significou, além da organização da prática e da seleção dos elementos do *bujutsu* a serem preservados, também a adequação de seus valores e princípios à racionalidade que marcaria o período Meiji. Tratava-se, portanto, de um projeto deliberado de identificação do *Karate-Do* não mais como uma prática tribal criada no pequeno território de Okinawa, mas agora como um produto tipicamente japonês, inclusive com intenções de ser exportado mundialmente – o que, de fato, aconteceria a partir da Segunda Guerra Mundial.

É nesse sentido que consideramos o *Karate-Do*, enquanto *budo*, uma prática veiculadora de uma japonesidade. Trata-se, no entanto, de uma japonesidade de origem moderna, e não exatamente tradicional ou milenar – uma japonesidade artificial e produzida de forma intencional, e não espontânea. Mesmo assim, esse *budo* compreende um conjunto coeso de princípios – de ordem disciplinar, moral, espiritual e estratégica – que aludem a uma espécie de sabedoria tipicamente oriental, elementos que a perspectiva do *Karate-Do* como esporte de luta preterem em favor do rendimento e da “performance” competitiva.

Os estudos sobre a presença japonesa no Brasil identificam que, a partir da década de 1950, o papel dos *kaikan* também se altera: de refúgios idealizados para resguardar um conjunto mínimo de elos com a noção de Japão trazida pelos imigrantes, passam a se constituir como espaços de sociabilidade para relações intercomunitárias (FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS, 2011). Tal processo pode ser observado nitidamente em São Carlos, uma vez que muitas das atividades da ACENB possuem um caráter de divulgação da cultura japonesa e mesmo de integração com a população local, nipo-descendente ou não.

Nesse sentido, cabe refletir se não poderíamos considerar o *dojo* em que se pratica a arte marcial – seja o *Kendo*, o *Judo* ou o próprio *Karate-Do* – como uma espécie de “*kaikan* expandido”: local para a preservação de práticas e valores e, principalmente, espaço de socialização e disciplinamento corporal e comportamental, colaborando para a atualização da japonesidade e para a criação de vínculos de pertencimento cultural a tal identidade. Um espaço, sobretudo, marcado por resistências e conflitos, em que a noção de um Japão moderno se emaranha com saberes tradicionais, convivendo com ideias ainda mais modernas – de competição e “performance” esportiva. Em meio a essas relações complexas, sobrevive uma “tradição reinventada” que, passados mais de cem anos da primeira onda de imigração japonesa no Brasil, ainda provoca o fascínio e o imaginário da população brasileira².

2 Agradeço aos *sensei* e demais participantes da pesquisa; à Fundação Pró-Memória de São Carlos, na figura da historiadora Leila Maria Massarão; e a Osvaldo Kado, pelos diálogos sobre o Japão e as artes marciais. Dedico este texto a meus familiares de origem japonesa e à memória de Kioschi Mori.



Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. reimpr. da 1. ed. de 2011. Lisboa: Edições 70, 2016.

BOGDAN, Robert. C.; BIKLEN, Sari. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994. (Ciências da educação, v. 12).

BRANDÃO, Marco A. L. **Um sol nascente em São Carlos 2**. São Carlos: Guillen & Andrioli, 2009.

COOPER, Jean C. **Yin & Yang: a harmonia taoista dos opostos**. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karate-dō kyōhan: the master text**. Tradução para o inglês de Tsutomu Ohshima. New York: Kodansha International, 1973.

_____. **Karatê-dō: o meu modo de vida**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Cultrix, 1994.

FUNAKOSHI, Gichin.; NAKASONE, Genwa. **Os vinte princípios fundamentais do karatê: o legado espiritual do mestre**. Tradução de Henrique A. Rêgo Monteiro. São Paulo: Cultrix, 2005.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS. **A presença japonesa em São Carlos: caderno de pesquisa**. São Carlos: Fundação Pró-Memória de São Carlos, 2011.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Revisão técnica e adaptação por Lana Mara Siman. Porto Alegre: UFMG/Artmed, 1999.

LOURENÇÃO, Gil V. O caminho da espada como máquina de operação da japonesidade. In: MACHADO, Igor J. R. (Org.). **Japonesidades multiplicadas: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil**. São Carlos: Edufscar, 2011. p. 27-57.

_____. Ethnography in ancient Japan: a theoretical essay about Kinship. **Journal of Martial Arts Anthropology**, Rzeszów, v. 16, n. 2, p. 20-31, 2016.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1996. (Temas básicos de educação e ensino).

MARTINS, Carlos J.; KANASHIRO, Cláudia. Bujutsu, budô, esporte de luta. **Mo-triz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 638-648, 2010.



MORI, Rafael C. **O caminho das artes marciais em São Carlos**: contribuições do karatê-do e de outras artes japonesas. São Carlos: Fundação Pró-Memória de São Carlos, 2011. (Coleção monografias – São Carlos).

RUFINO, Luiz G. B. **A pedagogia das lutas**: caminhos e possibilidades. Jundiaí: Paço Editorial, 2012.

Recebido: 22 maio, 2017.
Aceito: 18 jun., 2017.